

OS PERCALÇOS DA VOLTA ÀS AULAS PRESENCIAIS: protocolos técnicos e cuidados emocionais

Ariane de Medeiros Pereira¹

RESUMO: O presente texto que ora se tece tem como finalidade discutir a volta do ensino presencial nas escolas do Brasil no contexto em que a vacina para o Covid-19 ainda não é uma realidade. Abordando os pontos de vista que são favoráveis ao retorno das aulas, como também, aqueles que são contrários. Para atingir o objetivo foi utilizado matérias de jornais e revista disponíveis nas mídias eletrônicas do Brasil. Percebe-se que o discurso é carregado de poder, assim, usamos do conceito de interdição da palavra usado por Foucault (2012) para entender que as instituições, as categorias sociais e o povo possuem um lugar privilegiado ao fazer uso da palavra. Recorre-se ao entendimento de Spivak (2010) que a categoria discursiva não é monolítica, tendo em vista que, mesmo os subalternos são sujeitos sociais e que são possíveis de lutar contra sua subalternidade. Assim, pode-se constatar que uma volta às aulas, em face da pandemia do Covid-19, sem uma preparação em longo prazo, tanto em questões técnicas quanto emocionais se torna algo prematuro.

Palavras-chave: Educação. Protocolos sanitários. Emoções.

THE BACKGROUNDS OF THE BACK TO PRESENTIAL CLASSES: technical protocols and emotional care

ABSTRACT: The purpose of the present text is to discuss the return of face-to-face education in schools in Brazil in the context where the vaccine for Covid-19 is not yet a reality. Addressing the points of view that are favorable to the return of classes, as well as those that are contrary. To achieve the objective, newspaper and magazine articles available in the Brazilian electronic media were used. It is noticed that the discourse is charged with power, so we use the concept of word interdiction used by Foucault (2012) to understand that institutions, social categories and the people have a privileged place when using the word. It was used Spivak's (2010) understanding that the discursive category is not monolithic, considering that even subordinates are social subjects and that it is possible to fight against their subordination. Thus, it can be seen that a return to school, in the face of the Covid-19 pandemic, without long-term preparation, both in technical and emotional matters, becomes something premature.

Keywords: Education. Health protocols. Emotions.



Introdução

A educação é um pilar de sustentabilidade e desenvolvimento para a sociedade em suas mais variadas temporalidades. Simboliza a tomada de consciência do cidadão² crítico e reflexivo dentro de uma comunidade que tende a possuir um desenvolvimento pleno e múltiplo. Diante da pandemia do Covid-19, verificamos as mudanças e transformações ocorridas no âmbito educacional para que os alunos continuassem seu processo de formação com qualidade e visando minimizar as perdas na aprendizagem.

A maneira encontrada para uma rápida continuidade do ambiente de aprendizagem, foram as aulas *online*, não presenciais, as quais permitiram minimamente que os alunos mantivessem seu aprendizado mediado, orientado e gestado pela ação dos professores. Vale ressaltar que, as diversas instituições de ensino sejam elas públicas, sejam elas privadas,

¹ Licenciada e Bacharela pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CERES. Especialista em História dos Sertões pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CERES. Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CCHLA. Atualmente professora do Colégio Diocesano Seridoense/Caicó/RN. ID Lattes: 9605-3404-0564-8462, ORCID: 0000-0001-5743-1360, e-mail: ariane1988medeiros@hotmail.com.

² Para uma discussão efetiva sobre as raízes do conceito de consciência de classe, ver: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

adotaram uma série de estratégias planejadas para tornar este ensino de qualidade e, razoavelmente, dentro da perspectiva de manter o desenvolvimento dos conteúdos ofertados no ensino presencial.

O ensino não presencial está carregado de uma série de desafios a serem superados. As formas de ensino e aprendizagem foram ressignificadas e diversos estudantes tiveram uma descontinuidade em seu modelo clássico de educação, pautada na presença física do professor. Com o contexto da pandemia temos uma nova experiência educacional baseada na interação humana, mas mediada por uma virtualização forçada e que, não rara as vezes, se torna problemática. Um dos fatores que podemos elencar é que nem todos os estudantes possuem acesso à internet, além de professores e alunos não deterem conhecimento efetivo com o uso das tecnologias.³

No decorrer que os meses caminham e a educação não presencial acontece, existe sempre uma preocupação intensa com a volta às aulas presenciais, ao passo que os números da pandemia diminuem. Fato é que uma série de medidas de segurança estão sendo gestadas, pensadas, planejadas e replanejadas para a volta às aulas ainda em meio a pandemia. Esta é uma questão de saúde pública, de gestores educacionais, dos governantes e da população que optam em expressar suas opiniões sobre a volta ou não das aulas presenciais.

O presente texto, que ora se tece, tem como finalidade discutir a volta do ensino presencial nas escolas do Brasil, no contexto em que a vacina para a Covid-19 ainda não é uma realidade para que a população brasileira seja imunizada. Os desafios e os perigos da volta às aulas, no ambiente de ensino das escolas básicas, tornam-se eminentes. Para tanto, nosso texto se volta à duas discussões principais: a possibilidade da volta às aulas presenciais com seus desafios, e a percepção emocional dos alunos, professores e da sociedade em face a esta possibilidade de retomada das aulas. Estariam as escolas preparadas à volta às aulas presenciais? Como o corpo educacional - alunos, professores e famílias - percebem e encaram esta volta às aulas?

Para compor nossa discussão, utilizaremos como meios para tecer tal diálogo, matérias de jornais e de revistas disponíveis nas mídias eletrônicas que tratam sobre a temática da volta às aulas, a partir das vozes de algumas categorias sociais, tais com: figuras políticas, psicólogos, educadores e a população, em geral, como seu poder de voz e pensamento. Usamos das fontes eletrônicas por possuírem uma ampla abrangência social e, assim, entendemos que a opinião social é representativa e que possui poder. Não rara às vezes, essa formação de ponto de vista encontra seu alicerce nos veículos de comunicação e meios digitais.

Partimos do conceito que o discurso (FOUCAULT, 2012) é impregnado de poder e que a sociedade usa do discurso como forma de gestar e esconder forças que se materializam na constituição de uma comunidade. Para este texto, escolhemos conceito de interdição da palavra, utilizado por Foucault (2012), para entender que as instituições, as categorias sociais e o povo possuem um lugar privilegiado ao fazer uso da palavra, do discurso e de sua representação, ao possuir a oportunidade de expressar seu entendimento sobre a volta às aulas presenciais. O discurso torna-se uma rede de signos que se conecta a tantos outros - que forma, reproduz e estabelece valores à determinadas sociedades. Por isso, torna-se importante entender o debate sobre a volta às aulas e perceber a participação de vários segmentos sociais como

³ Para os desafios apresentados na educação não presencial, ver: GONÇALVES, Sónia P. Educação no contexto da pandemia: Um olhar sobre o caso de Portugal. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-esociedade/educacao-no-contexto-da-pandemia-um-olhar-sobre-o-caso-de-portugal/>. Acesso em 18. jun. 2020.

seu poder de fala. O discurso jamais é neutro, ao contrário, ele é carregado de intenção e de posições individuais e coletivas que se enraízam em uma dada comunidade.

Percebemos, nitidamente, que a produção discursiva possui poder de representar o outro e contribuir para formação de um pensamento que não seria o que um dado sujeito social poderia gestar. Recorremos ao entendimento de Spivak (2010), pelo qual a categoria discursiva não é monolítica, tendo em vista que, mesmo os subalternos, são sujeitos sociais e que são capazes de lutar contra sua subalternidade. Neste caso, a população, ao ser convocada a opinar sobre a volta às aulas presenciais, deixa sua categoria de subalterno e assume um papel de agente ativo e importante na citada discussão. Verificamos que quando a população se torna ativa no debate da volta às aulas presenciais, ela deixa seu lugar de negação e ganha um espaço de alteridade (BHABHA, 2007). O poder de representação sai do caráter puramente governamental e recai em um olhar que questiona, reinscreve e participa ativamente do processo de escolha e decisão. O texto se justifica no instante que se propõe a discutir a problemática da volta às aulas presenciais no contexto do Covid-19. Além de apresentar o discurso enquanto uma esfera de poder usado pelos indivíduos sociais para fazer a introspecção de dadas ideias em uma sociedade.

A volta às aulas presenciais: momentos reflexivos e incertos

A pandemia do Covid-19 gerou como consequência no âmbito da educação: o fechamento das escolas públicas e privadas desde o dia dezoito de março de dois mil e vinte. Com esta situação, o ensino tornou-se não presencial, com vista a minimizar as perdas de aprendizagens dos alunos. O Ministério da Educação e os Conselhos de Educação passaram a se reunir reiteradamente para traçar projetos e orientações para o ensino não presencial. Ao mesmo tempo, existe uma preocupação latente com a volta às aulas presenciais.

Para se pensar e planejar uma proposta para a possível volta às aulas, uma série de protocolos sanitários estão sendo gestados e avaliados para que a comunidade escolar não seja encarada com riscos à saúde. Fato é que, até então, temos apenas direcionamentos e estudos que norteiam uma possível volta de como aconteceria o retorno às aulas presenciais e quais medidas as escolas deveriam adotar. Para que aquelas retornem são necessários que os protocolos sejam cumpridos em sua integridade e que o corpo educacional - alunos, professores e famílias - compreendam que o funcionamento das escolas e do ensino - aprendizagem passará por mudanças.

Os protocolos sanitários surgem como um meio pelo qual as escolas têm a possibilidade de serem orientadas como devem ser organizadas as instituições de ensino com novos suportes técnicos, antes mesmo de uma data prevista para o retorno às aulas. No caso da educação no Brasil, esta é uma discussão latente, na qual gestores, educadores, famílias e alunos devem participar e opinar. Tendo em vista que, as discussões são produto do saber e pode se tornar um estereótipo como bem coloca Homi Bhabha: “[...] o estereótipo, que é a sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido (BHABHA, 2007, p. 105)”. Neste caso, é importante que todos os sujeitos sociais participem do diálogo sobre a volta às aulas. Do contrário, poderíamos ter o interesse de um grupo dominante se sobrepondo ao interesse coletivo.

Uma primeira resolução sobre as diretrizes de como deveriam proceder as escolas com ensino não presencial⁴ e à volta as aulas presenciais⁵, após o surto da pandemia, data de vinte e três de abril de dois mil e vinte, na qual esteve aberta a consulta pública para que a população expressasse sua opinião. Eduardo Deschamps - Conselheiro do Conselho Nacional de Educação - é categórico em seu posicionamento ao afirmar que, para o retorno das atividades presenciais, é necessário que alunos e professores sejam acolhidos de acordo com a complexidade da situação. Sendo evidente uma avaliação criteriosa e baseada em todo o cenário de pandemia, considerando que, tanto professores quanto alunos, passaram por situações de vulnerabilidade, de medo, de tensão, sendo preciso que as escolas possuam um apoio psicológico à toda a comunidade escolar.

O que vem sendo discutido, apresentado e colocado pelas instituições educacionais que norteiam as escolas públicas e privadas, parte de análises que consideram as experiências de instituições de ensino de outros países, que lidaram com o surto da pandemia alguns meses antes que o Brasil. Dessa forma, podemos ter norteadores que nos possibilitem preparamos as escolas minimamente, em seu aspecto técnico, para a volta às aulas presenciais. Por isso, torna-se importante que as escolas contem com o apoio de outras instituições e suas experiências. Além de considerar que, com a volta às aulas, será preciso ter uma equipe de apoio para gerenciar a comunidade escolar. Torna-se indispensável a rede de aliança entre psicólogos e assistentes sociais para que se mantenha a saúde física dos alunos e de toda a equipe que trabalha na escola. Neste caso, faz-se necessário que as equipes das instituições de ensino sigam as orientações e diretrizes do Ministério da Educação.

Podemos orquestrar, neste cenário, que a retomada das aulas presenciais não será algo simples e imediato, mas algo a ser estudado e maturado a longo prazo, dado as ações que as escolas devem assumir frente ao posicionamento de voltar com as aulas presenciais. O planejamento e as indicações devem começar a orientar a comunidade escolar antes mesmo ao retorno das aulas. A comunidade escolar deve ter consciência das diretrizes e ações que serão implementadas para o retorno às aulas. O corpo escolar deve ser um agente que trabalha em conjunto com as escolas para que as medidas sejam colocadas em prática junto aos alunos, professores e toda equipe que compõe o ambiente escolar. Percebemos que estas são medidas que vão fortalecendo a saúde emocional daqueles que fazem parte da escola e das famílias. Torna-se relevante que as escolas mantenham uma comunicação clara com os pais e responsáveis de seus alunos para que o retorno às aulas aconteça de maneira eficiente e saudável, mas principalmente, que ambas as instituições - família e escola - caminhem juntas em busca do bem comum e da aprendizagem significativa, sem medos e anseios do contexto pandêmico⁶.

Podemos mensurar que a retomada às aulas presenciais passará não somente por um grande estudo com vista à segurança populacional, mas pela expectativa, opiniões dos agentes sociais que compõem a sociedade em todas as suas esferas. Não podemos deixar de elencar que cada parte interessada pode assumir uma concepção em sua fala e em seus atos, isso demonstra, entre outras coisas, que o discurso exerce uma função de controle, de limitação e validação das regras (FOUCAULT, 2012). Esse fato decorre, tendo em vista que, em qualquer

⁴ Para se inteirar da resolução sobre o ensino, ver Diário da União em <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/06/2020&jornal=515&pagina=32>.

⁵ Para os direcionamentos e desafios que as escolas devem enfrentar com a volta as aulas, ver <https://www.sponte.com.br/escolas-superando-o-desafio-covid-19/>.

⁶ Para um conhecimento mais efetivo sobre as propostas para a volta as aulas presenciais, ver: MORAIS, Christopher. **Os desafios de uma incerta retomada das aulas presenciais.** Revista Educação. Disponível em <https://revistaeducacao.com.br/2020/07/15/desafios-aulas-presenciais/>. Acesso em 06 set. 2020.

período histórico ou com diferentes grupos sociais, o discurso é carregado de poder e de dominação, e possui a capacidade da materialidade ao passo que é internalizado em uma sociedade. O discurso auferido repetidamente torna-se, provavelmente, uma construção verídica. O discurso é um instrumento importante para a organização funcional, dado que se liga a uma rede de discursos que registra, produz e estabelece valores a uma determinada sociedade. Neste caso, é importante perceber quem está produzindo os discursos e verificar seus interesses em meio às tomadas de decisões.

Mesmo em face das milhares de mortes ocasionadas pelo Covid-19, os governos dos Estados do Brasil planejam o retorno das aulas presenciais, antes da imunização pela vacina. Essa situação vem promovendo grandes discussões entre políticos, professores, pais e profissionais de saúde. A volta às aulas presenciais pode significar um perigo eminente às famílias, dado que, grande parte das pessoas são do grupo de risco. A questão passa a ser discutida no cenário de uma grande problemática, tendo em vista que, algumas escolas, possuem uma infraestrutura deficitária, com poucos funcionários. A questão vai além: será que as crianças ficariam no distanciamento esperado? Como garantir que as crianças farão uso das medidas sanitárias? Essas questões tornam-se emblemáticas se não forem bem trabalhadas e gestadas pelas escolas e pelas famílias. Uma volta às aulas no calor das emoções, considerando apenas uma redução no número de casos do Covid-19, não torna a comunidade escolar segura.

A questão ganha novos contornos quando pensamos que as crianças, ao se deslocarem às escolas, necessitam do transporte público, que não raras às vezes, não permitem cumprir com o distanciamento social esperado. Nesse cenário, as crianças podem contrair o vírus e serem vetores de transmissão a seus familiares, os quais inúmeros são do grupo de risco. O vereador Jair Tatty, do município de São Paulo, faz alguns questionamentos sobre a volta às aulas, uma vez que outros eventos foram suspensos. O vereador coloca: "[...] por que, então, tamanha necessidade de uma volta às aulas tão precoce? Ora, se grandes eventos, como o Grande Prêmio de Fórmula 1 ou até mesmo o Carnaval de 2021, foram cancelados ou adiados devido ao grande grau de contágio, por que com as aulas têm de ser diferente?". Diante das colocações do vereador e vice-presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esporte, Jair Tatty, é notório sua insatisfação com a volta às aulas presenciais ainda no cenário de pandemia em que o Brasil vive, em especial, o Estado de São Paulo.⁷

Não são apenas grupos de atores sociais que colocam a volta às aulas como um indicativo problemático e como um perigo iminente a saúde pública. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - aponta que com retomada das atividades escolares em meio a pandemia do corona vírus, podemos ter um risco para 9,3 milhões de brasileiros. O número corresponde aos coeficientes de jovens em idade escolar e que mantém contato com pessoas que fazem parte do grupo de risco. Nesse sentido, o grupo de risco ficaria ainda mais exposto, dado o contato com as crianças e adolescente que vão até o ambiente escolar. O mesmo alerta é feito pela Fiocruz:

⁷ Para averiguar outras opiniões do vereador Jair Tatty sobre a volta às aulas presenciais, ver: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Artigo: A problemática de uma precoce volta às aulas. 2020. Disponível em <http://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/artigo-a-problematica-de-uma-precoce-volta-as-aulas/>. Acesso em 06. set. 2020.

Segundo as conclusões da Fiocruz, o cenário mais preocupante está no estado de São Paulo, que tem maior número absoluto de cidadãos em risco. São mais de 2 milhões de adultos e idosos que sofrem de condições crônicas e dividem o espaço com pessoas em idade escolar. Na sequência estão Minas Gerais, com 1 milhão de brasileiros nessa situação, Rio de Janeiro, onde o grupo chega a 600 mil pessoas e Bahia, com 570 mil. Proporcionalmente, o Rio Grande do Norte é o que possui a maior percentagem da população mais suscetível: o índice chega a 6,1% do total. (LACERDA, 2020)⁸.

É inegável, pelos dados colocados anteriormente, o risco latente que a volta às aulas promove aos idosos que mantêm contato com os jovens na idade escolar. Os pesquisadores do Instituto de Comunicação e Informação em Saúde da Fiocruz, analisam que os indivíduos entre 18 e 59 anos possuem diversas doenças crônicas, dentre elas: diabetes, doenças de coração e pulmão, e convivem com estudantes dentro de casa (LACERDA, 2020), o que promove ainda mais riscos de complicações. Mesmo com todos os apontamentos e estatísticas, existe uma pressão por partes da comunidade escolar e governantes para que as aulas retornem.

Mesmo com todos os indicativos do perigo que representa a volta às atividades escolares, o governo do Estado do Rio Grande do Norte sinalizou uma possível data para a retomada das aulas presenciais. Estas poderiam acontecer no dia cinco de outubro de 2020, tanto na rede de ensino pública quanto particular. No entanto, está é uma previsão, considerando que se deve observar o contexto pandêmico e as condições dos ambientes escolares, se estão enquadrados dentro das perspectivas sanitárias exigidas. Com a previsão de volta às aulas dia cinco de outubro, o Estado do Rio Grande do Norte se junta a outros seis Estados do Brasil: Mato Grosso, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - e o Distrito Federal⁹, com pretensões ao retorno das atividades escolares.

No tocante à sinalização de volta às aulas no Estado de Rio Grande do Norte, os gestores afirmam que se trata de uma previsão, que apenas será concretizada caso as condições necessárias sejam atendidas. Tal posicionamento não agrada as escolas particulares. Segundo seu representante:

A prorrogação da suspensão das datas não agradou os representantes das escolas particulares, que esperavam um retorno já no próximo dia 18 ou até o dia 28, uma semana antes da data estabelecida como previsão do Governo do Rio Grande do Norte. Segundo Alexandre Marinho, presidente do Sindicato das Escolas Particulares, as instituições privadas precisam de poucos ajustes nos protocolos para a retomada das atividades presenciais. (LOBO, 2020).

O desapontamento do representante das escolas particulares é evidente. No entanto, ele coloca que os protocolos das escolas particulares estão prontos, mas esquece de refletir sobre os sujeitos sociais que fazem parte do corpo escolar, dentro os quais a equipe docente, que não raro, são do grupo de risco e podem necessitar do uso do transporte público para se locomover. Não há garantias no controle das ruas e na convivência diária com outras pessoas. Na contramão dos que apoiam o retorno das aulas presenciais, temos a população que pode expressar sua opinião por meio de uma enquete realizada pela Secretaria da

⁸ Para melhor precisar os dados sobre os riscos de mortalidade com a volta as aulas presenciais, ver: LACERDA, Nara. Retorno às aulas coloca em risco a vida de 9,3 milhões de pessoas, aponta Fiocruz. 2020. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/22/retorno-as-aulas-coloca-em-risco-a-vida-de-9-3-milhoes-de-pessoas-aponta-fiocruz>. Acesso em 06. set. 2020.

⁹ Para verificar os trâmites da volta às aulas e os Estados que pretendem adotar a volta às atividades escolares presenciais, ver: LOBO, Tales. **Retorno às aulas no Rio Grande do Norte é previsto para 5 de outubro.** 2020. Disponível em <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/retorno-a-s-aulas-no-rn-a-inca-gnita/488903>. Acesso em 06. set. 2020.

Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do RN -SEEC- e pela União dos Dirigentes Municipais de Educação do RN (Undime-RN), com a finalidade de coletar respostas sobre a seguinte indagação: “As escolas devem retomar as atividades presenciais com os estudantes em 2020?”. A referida enquete começou no dia dois setembro de dois mil e vinte e se encerrou no dia quatro de setembro do corrente ano¹⁰. E pelo seu índice, a população não aprova o retorno às aulas, pois não se sente segura e nem protegida da pandemia do Covid-19.

Segundo o titular da SEEC, Getúlio Marques, a opinião das pessoas contribuirá para a tomada de decisão sobre a retomada das atividades presenciais. Para o presidente da Undime-RN, Alexandre Soares: "Essa escuta é essencial para que possamos ter uma percepção da opinião de todos. Seguindo a ciência, conciliaremos nossas ações com as opiniões das pessoas. Nesse sentido, a participação dos municípios fortalece a heterogeneidade de visões" (SEEC, 2020). Podemos averiguar que para os gestores, a opinião pública influencia em sua tomada de decisão sobre a volta às aulas presenciais, considerando a grande complexidade que o cenário pandêmico causou. Longe ser uma questão apenas do ponto de vista técnico, se as escolas possuem ou não condições de retomar as atividades presenciais, é fundamental que os gestores educacionais levem em consideração a opinião da sociedade em geral, as condições emocionais e sociais dos sujeitos que compõem as escolas, como também, se existem funcionários e professores que apresentam comorbidades. Neste caso, é necessário traçar um perfil populacional dos funcionários das escolas, com suas idades, estado de saúde físico e mental, como, também, avaliar o estado psíquico dos alunos e suas famílias, garantindo o bom funcionamento da retomada das aulas presenciais, e que estas possam contribuir em sua inteireza com uma aprendizagem significativa e de qualidade aos alunos, e que a equipe da escola e seus alunos se sintam acolhidos e protegidos, sem medo de um contágio pelo Covid-19.

O emocional dos alunos, dos professores e das famílias com a volta das atividades presenciais

Refletir sobre a volta às aulas presenciais após o surto da pandemia de Covid-19 exigirá não somente o cuidado com os protocolos sanitários de segurança técnicos. Devemos voltar o nosso olhar para os cuidados com o emocional dos alunos, dos professores e das famílias. É preciso que os gestores e a equipe pedagógica tenham uma visão diferenciada para os alunos e professores no ambiente escolar, entendendo suas necessidades e anseios. A nova realidade da volta às atividades presenciais deve ser pensada e planejada com muita atenção no tocante aos aspectos emocionais daqueles que compõem o ambiente escolar e sem sombra de dúvida será mais um desafio para a equipe das escolas.

Desde os tempos antigos existe uma preocupação com a relação entre mente e corpo e estes têm sido objetos de discussões e análises¹¹. Os pesquisadores os consideram como objetos que se complementam e, no caso de um estar afetado, pode-se surgir distúrbios no outro. No século XX, Freud desenvolve a teoria psicanalítica, por meio do conceito de determinismo psíquico, na qual resgata a importância dos aspectos interno do homem. Todavia, sua teoria parte da psicanálise do corpo para depois adentrar pela psique interna do corpo, com seus

¹⁰ Para conhecer os objetivos e as preposições da enquete, ver: SEEC. **Educação do RN lança enquete sobre retomada das atividades presenciais.** Disponível em <http://www.educacao.rn.gov.br/Contentudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=239135&ACT=&PAGE=o&PARM=&LBL=ACERVO+DE+MAT%C3%89RIAS>. Acesso em 06. set. 2020.

¹¹ Para uma discussão sobre os estudos desde a antiguidade aos tempos atuais sobre a relação corpo e mente, ver: CASTRO, Maria da Graça de; ANDRADE, Tânia M. Ramos; MULLER, Marisa C. **Conceito mente e corpo através da história.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 39-43, jan./abr. 2006. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a05.pdf>. Acesso em 07. set. 2020.

estudos sobre histeria e sua atenção às conversões (CATALDO, 1991). É notório que Freud entende que o corpo físico promove sinais de uma psique interna doentia.

Ao retornarmos à postura holística, podemos observar e avaliar o termo psicossomático, que atualmente é entendido como a inseparabilidade e interdependência dos aspectos psicológicos e biológicos (RAMOS, 1994). Nesse sentido, torna-se importante que alunos e professores se sintam protegidos no ambiente escolar, e não com o pensamento e o medo de uma possível contaminação, tendo em vista que, com o psicossomático abalado, doenças biológicas podem se desenvolver nos corpos, que se encontrariam em vulnerabilidade no tocante ao desgaste psicológico. Classicamente, psicossomático é definido como um distúrbio somático que interage com o fator psicológico, o qual pode contribuir com a gênese da doença física, além da emocional (JEAMMET, 1989).

A perspectiva da volta às aulas será marcada por grandes desafios, não somente nos aspectos estruturais e organizacionais da escola, mas no tocante aos fundamentos emocionais de acolhimento aos alunos, as famílias e aos professores. Todos se encontram sensíveis em relação aos acontecimentos e consequências do Covid-19 e, portanto, ansiosos, inseguros e com grandes expectativas para a volta às aulas. Nesse panorama, podemos refletir sobre a camada de estresse que vai se acumulando desde as atividades não presenciais até o retorno das atividades presenciais. Nesse caso, e acompanhando o pensamento e o estudo de Hans Selye, que abordou o conceito de estresse, em 1956, percebemos o estresse como uma etiologia multifatorial, na qual o corpo se transforma perante níveis de estresse (RAMOS, 1994). Neste sentido, o estilo de vida é importante e considerado como um inestimável fator para a saúde e a prevenção de doenças.

O ambiente escolar, ao se carregar de um estresse proveniente da insegurança em relação ao medo da contaminação, poderá desencadear outros tipos de doenças aos integrantes da escola. Uma das parcelas que precisam se sentir seguras e apoiadas, são os professores que, neste contexto, tornam-se indivíduos essenciais no processo de volta às aulas. Cabe a eles o papel de gerenciar novas estratégias de ensino e reinventar as relações afetivas com o trabalho pedagógico. Além de serem os portos seguros para os alunos, as famílias e a escola. Portanto, é indispensável que os professores estejam com seu psicológico fortalecido, antes mesmo da retomada das aulas presenciais, pois esta será marcada por muitos desafios e reinvenções afetivas e pedagógicas. Todavia, as responsabilidades com o cumprimento de segurança não podem ficar a cargo tão somente do professor, como nos coloca a psicóloga Carla Jarlicht:

Lidar com esse fato é fundamental para evitarmos expectativas irreais. Seria extremamente injusto colocarmos todo o peso dessa responsabilidade no colo do professor. O caminho não pode ser esse e precisamos evitar sobreencarregar um profissional já bastante requisitado. Sendo assim, como escola é o lugar do encontro, seria fundamental criar um espaço para diálogo transparente com as famílias e a comunidade para que, juntos, possam pensar sobre esse retorno às aulas presenciais e sobre como viabilizar a prática de tais protocolos. Discutir, ponderar, acalmar as angústias, alinhar as expectativas e planejar soluções possíveis. Mais do que nunca, num contexto como a de uma pandemia, precisamos pensar coletivamente, compartilhando a responsabilidade entre todos os envolvidos. (REVISTA EDUCAÇÃO, 2020).

Para a psicóloga Carla Jarlicht, é evidente que um diálogo claro entre escola, família e alunos, será essencial para a retomada das aulas presenciais com um ambiente mais seguro, no qual, além dos protocolos de segurança, exista cooperação mútua, onde o aluno entende a situação atípica que se instalou no ambiente escolar. Para que os níveis de estresses e as

doenças que dele advêm possam ser minimizados, são necessários que todos façam sua parte e cumpram com os protocolos de segurança sanitária. Ademais, é salutar que as escolas promovam espaços de diálogos nos quais psicólogos possam discutir, ponderar e acalmar as angústias dos alunos, das famílias e do corpo escolar, para que dessa maneira possam traçar metas e planejar soluções possíveis. Para a citada psicóloga, uma das medidas essenciais para se alcançar o sucesso será dividir as responsabilidades e pensar coletivamente, de modo partilhado e compartilhado.

O que averiguamos é que ainda continuamos em meio à pandemia e existe uma pressão para que as aulas presenciais retornem, antes mesmo que a comunidade escolar esteja preparada do ponto de vista psicológico e, em alguns casos, técnicos e sanitários - no tocante às escolas que apresentam infraestrutura negligenciada. O que causa ainda mais ansiedade e insegurança, no momento de fragilidade em que vivemos. Isso contribuiria ao aparecimento de doença sociossomática no ambiente escolar, considerando a visão de doença como uma conjunção de fatores originados do corpo, da mente e da sua interação com meio ambiente e o meio social (NEMIAH, 2000), no qual o indivíduo se encontra.

Embora exista uma divergência de pensamento sobre a retomada das aulas, uma coisa é certa: é necessário planejamento, preparação do professor para ser agente atuante desse processo de volta às aulas. É indispensável que as escolas começem a dialogar com seus professores e preparar o corpo docente e toda a equipe para a volta com uma reestruturação física, mas, principalmente, emocional. É preciso trabalhar com calma, resgatando os aprendizados vividos no momento da pandemia e isolamento social educacional, e priorizar o ser humano em sua forma social e emocional para que a volta às aulas aconteça de forma plena.

Considerações finais

A educação é um direito garantido aos jovens em idade escolar. Esta deve ser ofertada de modo satisfatório e visando uma aprendizagem de qualidade. Com a pandemia do Covid-19, as escolas foram fechadas e as aulas tornaram-se não presenciais, acontecendo por meio *on-line*, garantindo que os alunos continuassem com seu ritmo de estudo e sua aprendizagem. Fato é que elas acontecem em meio a desafios e novas estratégias e metodologias de ensino que foram reinventadas.

Atualmente, existe uma grande discussão para a volta das aulas presenciais e, para tanto, inúmeros protocolos e resoluções sanitárias vão surgindo para orientar as instituições escolares no tocante a seu caráter técnico e de organização do espaço escolar para que o retorno aconteça de forma segura e eficaz. Todavia, a premissa de voltar às aulas está promovendo uma divisão de pensamentos nos que entendem que é muito cedo para o retorno às aulas, haja vista que não temos ainda uma vacina para a população, e os que afirmam que somente os protocolos sanitários são o suficiente.

O debate ganha grandes proporções e os gestores procuram ouvir a opinião pública para a tomada de decisão: as aulas retornam ou não? Percebemos que a opinião popular se torna um espaço de poder e representatividade dentro do debate da volta às aulas. E, assim, entendemos que a complexidade do assunto é gigantesca dado que não é apenas equipar as escolas, como informam os protocolos sanitários, mas pensar nas pessoas que ocupam todo o ambiente escolar. Afinal, estamos tratando de pessoas que possuem anseios, medos e doenças crônicas. Todas estas questões devem ser consideradas.

Neste caso, temos que avaliar que a escola não é apenas um edifício possível de se aplicar protocolos e normas, mas a escola é um corpo vivo, composto por seres humanos e que, portanto, deve existir um olhar para a saúde física e mental dos alunos, das famílias e da

equipe escolar. Muitas e diversas foram às perdas dos que compõem o sistema escolar: são famílias mutiladas pelo Covid-19, que sentem as consequências de sua fase mais crítica - a morte. Assim, devemos pensar na segurança de todos que fazem o corpo escolar, levando em consideração, inclusive, suas possíveis perdas. É preciso saber lidar com a vulnerabilidade humana.

A gestão da escola precisará de tempo para organizar a retomada das aulas. Precisará agir com uma parceria entre família e escola, promovendo uma escuta ativa sobre as demandas das famílias e oferecendo uma rede de apoio psicológico. Antes de se pensar em uma data para a volta às aulas, devemos preparar o caminho para o retorno acolhendo as famílias e os alunos e informando o quanto são necessárias as ações conjuntas para que as aulas voltem com segurança. Esta parceria pode ser criada, ainda com os ambientes virtuais, utilizando de rodas de conversas e debates entre alunos, professores, gestores, psicólogos e as famílias. Uma volta às aulas sem esta consciência e parceria seria precipitada.

Referências

BHABHA, Homi K. Narrando a nação. In: ROUANET, Maria Helena. **Nacionalidade em questão**. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. p. 48-59.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Artigo: A problemática de uma precoce volta às aulas**. 2020. Disponível em <http://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/artigo-a-problematica-de-uma-precoce-volta-as-aulas/>. Acesso em 06. set. 2020.

CASTRO, Maria da Graça de; ANDRADE, Tânia M. Ramos; MULLER, Marisa C. **Conceito mente e corpo através da história**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 39-43, jan./abr. 2006. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a05.pdf>. Acesso em 07. set. 2020.

CATALDO, M. **Hipocondria: revisão**. Revista Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 13(3), 1991. p. 185-90.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GONÇALVES, Sónia P. **Educação no contexto da pandemia: Um olhar sobre o caso de Portugal**. 2020. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-esociedade/educacao-no-contexto-da-pandemia-um-olhar-sobre-o-caso-de-portugal/>. Acesso em 18. jun. 2020.

JEAMMET, P., Reynald, M., & Conoli, S. **Manual de Psicologia Médica**. São Paulo: Masson, 1989.

LACERDA, Nara. **Retorno às aulas coloca em risco a vida de 9,3 milhões de pessoas, aponta Fiocruz**. 2020. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/22/retorno-as-aulas-coloca-em-risco-a-vida-de-9-3-milhoes-de-pessoas-aponta-fiocruz>. Acesso em 06. set. 2020.

LOBO, Tales. **Retorno às aulas no Rio Grande do Norte é previsto para 5 de outubro**. 2020. Disponível em <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/retorno-a-s-aulas-no-rn-a-inca-gnita/488993>. Acesso em 06. set. 2020.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MORAIS, Cristopher. **Os desafios de uma incerta retomada das aulas presenciais**. Revista Educação. 2020. Disponível em <https://revistaeducacao.com.br/2020/07/15/desafios-aulas-presenciais/>. Acesso em 06 set. 2020.

NEMIAH, J. **A psychodynamic view of psychosomatic medicine**. Psychosoméd. 2000. p. 299-303.

RAMOS, D. **A psique do corpo: uma compreensão simbólica do corpo**. São Paulo: Summus, 1994.

REVISTA EDUCAÇÃO. **Volta às aulas presenciais exigirá cuidado com emocional de alunos e professores**. 2020. Disponível em <https://revistaeducacao.com.br/2020/07/09/aulas-emocional-de-alunos/>. Acesso em 07. set. 2020.

SEEC - Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - RN. **Educação do RN lança enquete sobre retomada das atividades presenciais**. Disponível em <http://www.educacao.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=239135&ACT=&PAGE=0&PARM=&LB=L=ACERVO+DE+MAT%C3%89RIAS>. Acesso em 06. set. 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Recebido em 09 set. 2020
Aprovado em 06 out. 2020

